

# REPRESENTAÇÃO DO IMAGINÁRIO NO CONTO ORAL: UMA LEITURA DOS CONTOS COLETADOS NO VALE DO JURUÁ

J.J.César de Araújo<sup>1</sup>  
Jordeanes Araújo<sup>2</sup>

## Resumo

O presente artigo analisa o conto oral em suas diversas manifestações simbólicas. Trata-se de um estudo realizado na região do Alto Juruá, nos recantos amazônicos de Guajará, no Amazonas e Cruzeiro do Sul, no Acre. O texto apresenta a influência do conto oral sobre o imaginário local e como este absolveu elementos do imaginário para se construir. O conto é analisado em seus universos simbólicos procurando-se compreender como estes símbolos são usados para ensinar regras morais, sociais, políticas e éticas no contexto amazônico.

**Palavras-chaves:** conto oral, oralidade, imaginário, Alto Juruá, Acre.

## Abstract

The present article analyze the oral conte in its diverse symbolic manifestation. It treats about a study achieved at region of high Juruá river, in the Amazonian nooks, or Guajará in Amazonas and Cruzeiro do Sul in Acre. The text show the influence of the oral tale about the imaginary place. And how is absolved elements imaginary to construct it self. The tale is analyzed in its symbolism universes coding for understand how these sings are used to teach rules morality, socials, politics and end ethnic in the Amazonian context.

**Keywords :** imaginary, oral tale, Alto Juruá, Acre, Amazonian

---

<sup>1</sup> José Júlio César do N. Araújo é graduado em Letras, pós – graduado em Língua, literatura & Identidade ( UFAC) e Gestão Educacional ( IVE- MT), professor da rede estadual e municipal (GUAJARÁ) de ensino no Amazonas, Cood. dos cursos de Pós- graduação FARO/ Cruzeiro do Sul –AC e autor do livro **O homem Falando no Escuro** ( Editora Valer / Manaus ), Kamamducaya : O apanhador de Sonhos( no prelo EDUSC ). .E – mail: [amadeus13julio@gmail.com](mailto:amadeus13julio@gmail.com) e [cezar2julio@yahoo.com.br](mailto:cezar2julio@yahoo.com.br) ( O presente artigo é parte do livro **Simbolismo e Imaginário: um olhar sobre a cultura no Vale do Juruá** – inédito ).

<sup>2</sup> Jordeanes do Nascimento Araújo – é estudante de Ciências Sociais ( ICHL – UFAM), bolsista/pesquisador de Iniciação Científica – CNPq, pesquisando atualmente sobre o As influências da cultura nordestina sobre o Conto oral no Vale do Juruá. [jordeanes\\_cassy@hotmail.com](mailto:jordeanes_cassy@hotmail.com)

## 1.1. INTRODUÇÃO: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

“Todo homem conta para si,  
de vez em quando, suas  
próprias histórias”

*J.J. César de Araújo*

“Lá aonde os ecos da civilização só  
chegavam muito difusamente,  
como de coisa longínqua e  
inverossímil quase.”

*Ferreira de Castro – A selva*

O Vale do Juruá, uma extensa área que engloba sete municípios amazonenses e quatro acreanos banhados pelo rio Juruá, possui uma longa história que se inicia com as numerosas nações indígenas de origem Pano e Aruak de procedência cisandina ou tunguruana-amazônica, localizadas a partir dos Andes, Médio, e Alto Juruá. Algumas delas foram registrada pelo Ouvidor Sampaio em 1775 (apud. Benchimol, 1979), os Uacaraua, katuquina, Urubu, Kanamari e outros.

O rio Juruá é afluente da margem direita do rio Amazonas com cerca de 3.355Km de extensão desde sua nascente peruana no Serro das Mecês, a 453 metros acima do nível do mar; tem em fevereiro/abril seu período de águas altas e julho/setembro o período de águas baixas sendo também o mais sinuoso dos rios da Amazônia e dividindo em médio, baixo e alto Juruá. O médio Juruá é composto por sete municípios: Guajará, Ipixuna, Envira, Eirunepé, Itamarati, Carauari e Juruá formando o Vale do Juruá no Estado do Amazonas, e cinco acreanos Cruzeiro do Sul, Mâncio Lima, Rodrigues Alves, Marechal Thaumaturgo e Porto Valter. É navegável por embarcações de médio porte, e quando diminui o volume das águas é difícil a navegação devido à sinuosidade do rio, ocorrendo o surgimento de praias e bancos de areia ao longo de seu curso.

O vazio demográfico desta região seria rompido na época do período da borracha, quando imigrantes nordestinos povoaram e se expandiram pelo Juruá, graças ao volume denso de hevea brasilienses, ou seja, a seringueira da Amazônia. Neste período foram criados os primeiros seringais, que no decorrer dos anos se transformaram em vilas e municípios. Porém, o rio Juruá já era visitado desde 1813 por comerciantes que subiam o rio em busca de escravos índios, de salsaparrilha, copaíba, cacau, e ovos de tartaruga (Carneiro da Cunha e Almeida, 2002, p.107). A ocupação, mais efetiva, do Vale do Juruá começa a partir da segunda metade do século XIX, mais especificamente no ano de 1858, quando este território é ocupado por migrantes nordestinos (cearenses), trazidos por João da Cunha Correa, Diretor

dos índios para o extrativismo da borracha e para a coleta de especiarias (Oliveira Neves, 1996). Entre todos os movimentos de ocupação econômica, o extrativismo foi o mais intenso, o que envolveu o maior número de pessoas, todavia o mais injusto, promovendo maiores impactos à região e suas populações tradicionais.

No final do século XIX e início do século XX, acontece o auge da produção da borracha na Amazônia. Neste período, milhares de retirantes migram para Amazônia atingidos pela instabilidade econômica do Nordeste e pelas secas que ocorreram em 1877/79 e 1904 (Nascimento Silva, 2000, p. 49). O Vale do Juruá foi responsável por uma parte significativa dessa migração, por despontar, na época, como um dos maiores produtores de goma elástica concorrendo regiões como as do rio Madeira e áreas de Belém.

O rio teve que ser explorado, até suas últimas fronteiras. O Acre começava a despontar como centro de produção de látex. Levas de nordestinos, sírios – libaneses, aventuraram-se procurando encontrar lendárias fortunas. A riqueza fácil em confronto com a privação da seca nordestina. O ano é 1865, no Rio Juruá, já se encontravam cortadores de seringa e coletores de salsaparrilha, vivendo mata-adentro. Foram vistos por William Chandless. Tal comércio, já com certa expressão, obrigou a Companhia Fluvial do Alto do Amazonas, a navegar também pelo Juruá, iniciando seu trabalho por volta de 1873. Em 1877, a província do Amazonas criou um distrito policial para toda a extensão do rio e em 1879, a 29 de Abril, enviou funcionários da Fazenda Provincial à região do Juruá, para arrecadação de impostos sobre negócios efetivados ali. No Juruá, durante o início de exploração da borracha, destacaram-se o coronel **Francisco F. de Carvalho**, que em 1870, estabeleceu o seringal Riozinho da Liberdade; os coronéis **Antônio Petrolino Albuquerque, Miguel Fernandes e João Bussons**, que em 1877, penetraram no Rio Tarauacá e instalaram seus seringais. No ano 1883, o cearense **Antônio Marques de Menezes** montou um seringal na foz do rio Moa. Já os coronéis **João Dourado e Balduino de Oliveira** ocuparam regiões de fronteira com o Peru. Esses pólos iniciadores fizeram o Acre ser reconhecido como centro produtor. Após estes uma série de outros seringais estabeleceram-se por todo o vale do Juruá, alguns minúsculos, outros grandiosos.

Os primeiros migrantes nordestinos que chegaram em Guajará-AM, vieram incentivados pela exploração do látex, resultando também na conquista de novas terras para o desenvolvimento da agricultura, como a cana-de-açúcar, banana, farinha, tabaco e para a criação de bovinos. Segundo os relatos dos mais antigos moradores do município de Guajará

os primeiros migrantes vindos do Nordeste foram: Pedro Américo, Elias Barroso, Raimundo Canindé e Raimundo de Castro, Antônio Veçosa, Maria Maciel, Manoel Davi, Juvenal de Paula e Castro, Duca Barroso, Manduca de Castro, João Herculano ( guarda - livros do Seringal Montes das Virgens) e Justino Bernardes; vindos de áreas como Pernambuco, Ceará, Sergipe e Piauí.

A forte presença do nordestino no Vale do Juruá e em Guajará é um dado incontestável até os dias de hoje, manifesta-se não apenas pelos biótipos da população, nas atividades agrícolas, na permanência de valores, mas principalmente nas estórias e contos que povoam o universo simbólico do Vale - seus municípios e vilas. Ainda se pode ver e escutar os mais velhos contando estórias antigas e novas adaptadas ao contexto do Vale do Juruá. Contos trazidos na “gaiolas” e, que aqui se transformaram ou encontraram solo fértil para procriarem novas versões ou adaptações dessas manifestações culturais trazidas pelo migrante nordestino a estas terras.

A partir disso, a ocupação do Juruá pelo extrativismo do látex resultou em duas problemáticas que perpassam aos nossos dias: a primeira, o processo de extrativismo promoveu a invasão de vários territórios indígenas; a segunda serviu para desenvolver os grandes centros urbanos do norte do País deixando o interior (o Vale do Juruá) no esquecimento, sem retorno econômico para as populações, que de forma direta ou indireta participaram do processo de ocupação do Vale do Juruá.

Nosso objetivo aqui é analisar os contos orais procurando compreender as possíveis influências nordestinas sobre estes dentro da cultura local. Para tanto, nos centramos em três linhas interdependentes: migração e povoamento, história do município e formação cultural. Tais perspectivas foram possíveis a partir dos relatos dos moradores antigos, que ainda se encontram vivos. Assim procura-se elementos da ocupação do município de Guajará, para então fazer um esboço da migração nordestina para o município, reconstituindo parte da história social do mesmo.

## **1.2 . O CONTO ORAL COMO CONTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SIMBÓLICO E SOCIAL**

As expressões orais da literatura traduzem-se na maior representação da psicologia coletiva de um povo. O conto, suas diversas expressões em seus processos de transmissão, as

formas de entonação e a empolgação dos narradores, preservam na oralidade a permanência de usos, costumes, pedagogias, normas morais, éticas e preconceitos construídos no imaginário secular. É através da tradição de contar que as comunidades mantêm a vivacidade da função lúdica e didática: encanto, magia e entretenimento aliam-se a ensinamentos, regras, conceitos, posturas que devem ser aprendidos, ao mesmo tempo em que documenta o fazer, o pensar e o ser dentro de um universo cultural específico. Ao contar, o narrador é um espírito livre para criar, modificar espaços, sofisticar enredos, descrever novas cenas incorporar novos personagens, possibilitando por meio da flexibilidade da oralidade inovações imprevisíveis. O conto recria-se a cada vez que o narrador o transmite.

Nos anos de 2003 – 2004, empreendemos uma pesquisa afim, de registrar e analisar os contos que povoam o imaginário dos povos juruaenses, e descobrimos uma infinidade de histórias, após entrevistar pessoas entre 60 e 90 anos nos municípios que compõem a região. Tais histórias possuem ligações com contos tradicionais da literatura universal, e outros apresentam caracteres inolvidáveis, aos já coletados em outras regiões por Luiz Câmara Cascudo, Nina Rodrigues, João Ribeiro e outros folcloristas. Revendo os aspectos funcionais do conto, levantados por Vladimir Propp, verificamos que maioria dos contos coletados poderiam ser analisados segundo tal teoria funcional. Como o nosso trabalho tem um caráter, eminentemente, descritivo e documental, resolvemos aplicar aos contos: **“Março – Marçal Barro Vermelho – Laranjeiral, Touro – Azul, Água do Pássaro da Vida, O Carrasquinho, Onde Está a Flor e João de Calais do Amor Sem Fim”**, os mesmos princípios caracterizadores, utilizados por CARVALHO (2001) que destaca três funções para a análise comparativas destes contos aos contos tradicionais e de encantamento:

“A primeira função selecionada é a que apresenta a “situação inicial”. Ela informa sobre o futuro do herói. (...). A décima quarta função é importante ser mencionada também porque representa a “transmissão”, ou seja mostra o herói sendo qualificado. A trigésima primeira função não poderia faltar, já que apresenta o desfecho. Essas três funções, de certo modo são a base dos contos populares.”  
(CARVALHO, 2001, P. 72-3. grifo nosso)

Nestes contos até mesmo o leitor leigo identifica essas características, além de outras. Para Zunthor , “o conto oral permite a realização simbólica de um desejo”. Essa faceta do conto, merece destaque especial, no contexto do Juruá, pois, caracteriza-se como a mais recorrente veia de nossa construção imagética, podendo nos dar o mágico, como proposta de leitura desta literatura, que embora carregada de formas e temáticas universais, consolida-se como elemento inovador na oralidade juruaense. Afirma ARIAS (2002, p. 103), que:

*“Lá cultura, que és una construcción específicamente humana que se expresa a través de todos esos universos simbólicos y de sentido socialmente compartidos, que le ha permitido a una sociedad llegar a “ser” todo lo que se ha construido como pueblo y sobre el que se construye un referente discursivo de pertenencia y de difencia: la identidad”.*

A identidade é, portanto, uma construção discursiva. Todo discurso não é vago, nem apresenta uma idéia generalizada, descontextualizada de nossos juízos. Quando dizemos “eu sou”, estamos nos construindo em discurso. Nosso discurso alia-se ao imaginário, aos símbolos, as idéias que construímos e conhecemos.

Por isso, analisar o conto como sistema simbólico, nos garantiu um entendimento mais vital dos universos que permearam nossa formação cultural. Procurou-se decifrar a ação simbólica e o que esta pode expressar em si mesma; perfazendo os caminhos que estes símbolos fazem para representar conceitos de organização social, religião, leis morais e éticas, como possibilidade de revelar o verdadeiro sentido que estes contos desempenham e suas múltiplas interações construídas simbolicamente. O símbolo só é criado por uma sociedade quando ela não consegue nonimar o espaço vivencial, ou suas posturas, como destaca ARIAS:

*“Es ahí cuando los seres humanos construyen procesos de eufentüizacion simbólica como único recurso para ordenar el caos del mundo y la realidad. Basta ver como ante tremenda crisis provocada por un capitalismo salvaje, la gente encuentra en sus universos simbólicos posibilidades de resistencias y de insurgencia frente a esa situación de miseria en la que sobrevive. O cuando tenemos que enfrentar situaciones que van más allá de nuestra capacidad de entenderlas, como la muerte, un desastre natural o la desestructuración social, es en los universos simbólicos donde estas situaciones logran resemantizarse y ayadam e que continúe existiendo um sentido para seguir viviendo” (op. cit, 77)*

Os universos simbólicos dos contos como “Flores de Fogo”, Borbolectus” e “João acaba Mundo” são um conjunto de significados construídos por uma cultura, que ordenam e legitimam as práticas cotidianas, e constroem o marco para entender e operar na realidade e no mundo, fazendo possível o ordenamento da história. Permitindo situar os acontecimentos coletivos a um conhecimento necessário dentro de uma temporalidade. Em que o tempo é carregado de um sentido passado, para entender suas experiências presentes, e sobre o qual podem fincar-se as bases para o futuro. Assim, vemos que os universos simbólicos dão sentido a ação humana, carregados de historicismo e produtos sociais concretos. O conto “Flores de Fogo e Borbolectus”, colhidos em Guajará – Am, refletem um desejo de explicar a criação do mundo.

O conto as “Flores de Fogo” é ao mesmo tempo a narrativa da criação de um elemento natural – “as flores vermelhas”, e por outro lado mistifica o sentimento “Amor”. A narrativa

faz uma fusão do mito com elementos do conto. A figura do deus é apenas uma transferência funcional para orientar a metamorfose dos elementos amor/flor. Os símbolos constroem novos universos míticos e simbólicos e dão a cultura juruaense, e aos componentes desta sociedade novas formas de experiências humanas.

Cada vez que se conta, a história cresce, ganha novos elementos, novo entusiasmo, nova vida. Pois, como toda manifestação cultural sofre adaptações ao ser transplantada para um novo lugar, o conto popular oral presente no Vale do Juruá e, principalmente, em Guajará-AM e Cruzeiro do Sul –AC, passou por este processo de adaptação ao ser transplantado. Porém, os elementos da cultura nordestina ainda estão presentes na maioria dos contos trazidos pelo migrante, estes se adaptam ao novo cenário, cheio de novos elementos que se agregaram a esses contos. Embora os mesmos tenham sofrido processo de adaptação, não perderam sua originalidade preservando suas características essenciais.

O processo de adaptação do conto oral ocorre quando se torna possível substituir os elementos exógenos em alguns locais por outros de caráter nativo, dessa forma o conto oral não perde sua originalidade, apenas se adapta ao meio sofrendo ajustes lingüísticos. Conforme Carvalho (2001, p. 12), cria uma mobilidade contribuindo para a conservação desse tipo de produção. No conto, coletado durante pesquisas em Cruzeiro do Sul- AC, com o informante A. V. S., 76 anos, filho de nordestino, *Pestana Branca e sua aventura pelo Sertão*, percebe-se que, tal conto, é constituído de elementos da cultura nordestina, como se a história fosse contada e vivida no nordeste, a narrativa acontece em uma cidade do estado do Ceará e o personagem aparece caracterizado como cangaceiro ou um fora da lei, o que demonstra que embora estes tenham sofrido adaptações no meio amazônico, muitos ainda trazem uma carga cultural nordestina como forma de dimensionar o heroísmo, a moral e esperteza e a brabeza.

Entretanto, isso ocorre apenas com elementos que compõem o conto oral, pois sua essência mantém-se preservada. A capacidade adaptativa do conto popular oral possibilitou uma caracterização variada principalmente os que povoam o imaginário local.

Conforme Carvalho (2001.p.30) “o elemento sobrenatural pode ser visto nos contos de encantamento”. Isso mostra que independente do herói, ou príncipe as ações do conto são sempre as mesmas, possibilitando o aspecto de aventura, o que também está presente nos contos, coletados em Guajará –AM, com os informantes A. M. S. e T. I.N, *Pedro Malazartes*

*e Bota me bota, carapuça me esconde*, que apresentam uma fusão de características pictóricas com elementos mágicos.

Para Vladimir Propp em sua obra *A Morfologia do Conto* (1989 p.147): “o conto de encantamento caracteriza-se por apresentar trinta e um elementos fixos e repetitivos, pois as variações denominam-se por funções e correspondem as ações desempenhadas pelos personagens”. A exemplo disso o conto **A vida do Gigante** comentado com T.I.N, em nossa pesquisa de campo em Guajará – AM, mostra que as funções dos elementos, enunciados por Propp, estão sempre presentes no desenrolar da história. A mudança no modo do homem enxergar a sua relação com o mundo acabou promovendo a sobreposição dos atributos humanos. Percebe-se a astúcia e a inteligência que em alguns contos o agente mágico é ausente ocorrendo à mudança de categoria; contudo não provoca uma mudança estrutural. A astúcia e a inteligência que são categorias de entendimento presentes nos contos orais em Guajará-am sobrepõem em muitos casos, os há “agentes mágicos”. Essa transposição do elemento sobrenatural por elementos humanos impede a ocorrência de lacunas levando as ações desenrolarem normalmente, mantendo uma proximidade com arquétipo.

### 1.3 CONCLUSÕES

O isolamento geográfico e a precariedade dos meios de comunicação propiciaram ao Vale do Juruá que se mantivesse próxima das produções orais por um longo tempo. Essas manifestações culturais junto com os folguedos representavam naquele momento a integração do homem com a natureza revivendo seu passado, seu presente e seus sonhos.

A pesquisa realizada por Carvalho (2005) sobre a presença do conto no Vale do Juruá mostrou que o conto popular oral é a maior expressão na localidade sendo assim identificado por temas moralizantes, conseguindo transmitir ensinamentos morais e revelando que espírito humano é conduzido por leis universais.

É possível identificar muitos traços que foram transplantados da cultura nordestina. As manifestações folclóricas que representavam a luta e adaptação do migrante sempre estiveram presentes na memória cultural do nordestino procurando uma proximidade com a terra natal. A tradição oral, os folguedos representavam uma maneira de resistência da cultura nordestina e ao mesmo tempo, a construção de uma nova identidade cultural. Com base em LARAIA (2005) o modo de ver e sentir o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os



diferentes comportamentos sociais, são assim produtos da herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura.

Uma das características dos contos orais de Guajará é adaptação lingüística e a força imagética aproximando o conto da realidade regional e permitindo uma construção que preserva muitos dos elementos originais ligados às narrativas universais e as tradicionais trazidas pelo migrante. Nesse sentido a influência do elemento nativo dá-se mais pela adaptação ao meio que pela incorporação de elementos da cultura amazônica como caboclos e seres encantados próprios do mundo fantástico da Amazônia.

Segundo David Schneider (apud LARAIA, 2005, p.63), a cultura é “um sistema de símbolos e significados, que compreende categorias ou unidades e regras sobre relações e modo de comportamentos”. Tanto a simbologia como o significado da mesma está representada nos contos orais e constituem o imaginário do conto a partir de uma realização simbólica de um desejo permitindo ao narrador envolver o ouvinte, o herói e também a si mesmo. Sendo o homem esse ser que conta estória ao contar povoa o seu imaginário e o imaginário do povo permitido as realizações simbólicas de nossos desejos, criando e recriando novas imagens cotidianas que serão passadas para as próximas gerações responsáveis pela dinâmica da cultura seja erudita ou popular. Por isso, compreender uma manifestação cultural, é, portanto, estudar um código de símbolos e significados partilhados pelos membros da mesma cultura.

## REFERÊNCIAS

ARIAS. Patrício Guerreiro. *La cultura: Estratégias conceptuales para comprender la identidad, la diversidad, la alteridad y la diferencia*. Quito: Ediciones. Abya Yala, 2002,

ANDRADE, Mario de. *Macunaíma*. 26ed. Belo Horizonte: Vila Rica, 1990.

BENCHIMOL, Samuel. *Romanceiro da Batalha da borracha*. Manaus: Imprensa Oficial, 1992.

\_\_\_\_\_. *Petróleo na Selva do Juruá: o rio dos índios macacos*. Manaus: EDUA, 1979.

BIBLIA SAGRADA. Edição Claretiana .Trad. Monges de Maredsous (Bélgica). 45<sup>a</sup> ed. Ave – Maria. São Paulo, 2003.

CASCUDO, Luiz da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. 13<sup>o</sup>ed. São Paulo: Global, 2004.

\_\_\_\_\_. *Literatura oral no Brasil*. 3<sup>o</sup>ed. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: Ed da USP, 1984.

CARVALHO, Deolinda Maria Soares de. *O conto numa comunidade amazônica*. Dissertação de Mestrado. Araraquara, UNESP, 2001.

\_\_\_\_\_. *A presença da literatura oral no Vale do Juruá: manifestações folclóricas e identidade*. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2005.

CNBB. Evangelii Nantiaudi: exortação Apostólica de Paulo VI sobre Evangelização no Mundo Contemporâneo. Nº 48.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica uma interpretação do imaginário poético*. Belém/Pa, CEJUP, 1995.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 17ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

HOORNAERT, Eduardo (coord). *A história da Igreja na Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 360-365.

MEGALE, Nilza. “Contos, mitos e lendas”. In: *Folclore Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1999. p.49-57.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. *O Espaço Ribeirinho*. São Paulo. Terceira Margem. 2000.

OLIVEIRA NEVES, Lino João de. “A ocupação do Juruá indígena”. In: *137 anos de sempre: um capítulo da história kanamari do contato*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, UFSC, 1996. p.46-75.

ROMERO, Silvio. *Contos populares do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olimpio, 1954.

STEFANI, Giancarlo. Yauti na canoa do tempo: um estudo fábulas do jabuti na tradição tupi.  
Recife: Massangana, 2000.